



AUTOR(ES): SARA ANTUNES FONSECA

ORIENTADOR(A): GIANCARLO MARQUES CARRARO MACHADO

A CIDADE A PARTIR DE UM ENFRENTAMENTO: NOTAS ETNOGRÁFICAS SOBRE O GRAFFITI EM MONTES CLAROS/MG

Introdução

A presente pesquisa analisa uma forma de cidadania juvenil realizada na cidade de Montes Claros/MG. Através de suas ações, como o enfrentamento e a apropriação das ruas, promove uma sociabilidade entre os jovens e tem no seu processo criativo uma construção identitária que dialoga com a produção do cenário urbano. A prática do graffiti nasceu nos Estados Unidos, em especial na cidade de Nova Iorque, onde assumiu o posto de representação estética visual do movimento hip hop (LUTZ, 2001). Tal prática também tem repercussão em outras cidades do mundo, como em Montes Claros/MG, onde tem ganhado diversos espaços e se afirmado junto a outras experiências cidadinas. Os jovens que participam do universo desta prática reivindicam o *direito à cidade* (LEFEBVRE, 2001) ao considerá-la não como um produto de forças políticas e econômicas, mas como uma obra inacabada que permite múltiplas interpretações e apropriações por parte dos cidadãos. De forma astuciosa e subversiva, eles enfrentam as normas impostas pelos setores públicos e privados em relação ao gerenciamento dos espaços urbanos.

Ao levar em conta tais perspectivas, pretende-se apresentar um *circuito* (Magnani, 2002) do *graffiti* em Montes Claros/MG a fim de problematizar o exercício de sua prática a partir de lógicas e vivências cidadinas juvenis. Almeja-se, ainda, revelar como a apropriação dos espaços urbanos fomenta as suas ações táticas que contribuem para fortalecer a dimensão pública da cidade.

Material e Métodos

A partir dos desdobramentos teóricos e de uma postura “de perto e de dentro” (MAGNANI, 2002), a fim de observar e de identificar padrões de comportamento, a pesquisa teve como ponto de partida o I Festival de Graffiti / Street Art de Montes Claros, evento realizado em julho de 2018, que coloriu uma área de 200 metros do muro do Conservatório Lorenzo Fernandes. Acompanhei os saberes compartilhados pelo artista de rua Wender “Gafanhoto” em ações com o grupo Graffiti e Expressões Urbanas, projeto do Fica Vivo promovido pelo Instituto Elo. As observações etnográficas têm focalizado as práticas e as lógicas que moldam diferentes espaços da cidade para além daquilo que está posto, afinal, como já aventado por Certeau (2012), as maneiras de utilizar os espaços fogem à planificação urbana.

Resultados e Discussão

A dimensão cidadina de apropriação dos espaços urbanos a partir de suas lógicas tem no urbano uma juventude que se expressa e que vê nas ruas uma possibilidade de realizar suas ações (MACHADO, 2017). Por meio das suas práticas em diferentes espaços podemos observar muros com inscrições e desenhos, movimentos em traços específicos, representadas de forma individual, mas que tem na sua formação uma construção coletiva que, ao pintar a rua, se configura e se reinventa. Emerge um contexto socioespacial que produz espacialidades passíveis de serem identificadas e lidas por aqueles que conseguem navegar pelas representações e signos em jogo. Essas “maneiras de fazer” (CERTEAU, 2009) ocorrem a partir de latas de *spray*, *rolinho* e canetão e permitem que tais usos da rua ganhem uma dimensão política na medida em que também constituem uma prática de enfrentamento da própria cidade e das normatividades imbricadas no tecido urbano (LEAL, 2017). Isso reverbera, como apontado por Machado (2017), como a cidadania pode ser permeada por múltiplas configurações, enquadramentos e contradições.

É possível observar dimensões tanto táticas quanto estratégicas nas práticas do graffiti em Montes Claros/MG. Por se



tratar de espacialidades e apresentações próprias e pelo conjunto de ações e modos (CERTEAU, 2009; LEAL 2019), esses atores atuam de forma a intervir nos espaços, promovendo uma procura pela notoriedade que permite a formação de uma rede de sociabilidade que propicia habitar a cidade.

Considerações finais

Diante dos desdobramentos teóricos e a partir das observações etnográficas realizadas até o momento, é possível considerar que a prática do graffiti em Montes Claros/MG requer ora agilidade, ora tempo e pode ter diversos sentidos atribuídos que se expressam nas formas de desenho, pela inscrição, pelo movimento presente nas marcações que denotam em si valores e sentidos. Os traços levam cores, palavras de ordem ou apelo político e permitem moldar a perspectiva urbana. A dimensão pública faz com que esses atores vivenciem a cidade através da inscrição e da leitura de muros que exprimem uma juventude cheia de significados.

Agradecimentos

Agradecemos ao apoio institucional da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG), ao Departamento de Política e Ciências Sociais, ao VPN, em especial à Wender “Gafanhoto” e Lynn.

Referências

- AGIER, M. *Antropologia da Cidade. Lugares, situações, movimentos*. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 213 pp.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- LEAL, G. "Graffiti para além dos muros: uso da rua e práticas de enfrentamento da cidade". *Enfoques*, vol. 16, nº1, pp.32-44, 2017.
- _____. "Graffiti enquanto prática epistemológica: modos de conhecer e organizar o percebido da cidade".; In. XIII Reunião de Antropologia do Mercosul, 2019
- LEFEBVRE, H. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro, 2001
- LUTZ, Jennifer. "Taking Up Space: An Interview With Bio of Tats CRU, Inc". *Dance Research Journal*, Vol. 33, nº 2, Social and Popular Dance (Winter), pp. 102-111, 2011.
- MAGNANI, J. G. C. "Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole". In: MAGNANI, J. G. C; TORRES, L. L (orgs.). *Na metrópole: textos de Antropologia Urbana*. São Paulo: Edusp. 2000
- _____. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, 2002.
- MACHADO, G.M.C. "A cidade de picos: a prática do skate e os desafios da cidadania". São Paulo, 2017. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 2017
- PEREIRA, A. B. "As marcas da cidade: A dinâmica da pixação em São Paulo". Lua Nova, 2018